



## Construindo cidadania: a comunicação comunitária como estratégia para mobilização pró-renda

*Carlos Renan Samuel Sanchotene<sup>1</sup>*

*Adriana Domingues Garcia<sup>2</sup>*

*Dayane Eckhart<sup>3</sup>*

### Resumo

Este artigo resulta de um projeto de extensão em comunicação comunitária realizado por três alunos do 5º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, do Centro Universitário Franciscano - Unifra. O principal objetivo foi mobilizar mulheres em um projeto de geração de renda por meio da comunicação na comunidade da Vila Lorenzi, localizada na região sul de Santa Maria. O trabalho desenvolvido na *Oficina de Retalhos* consiste no aprendizado de técnicas artesanais, utilizando retalhos de tecidos para confecção de tapetes, almofadas, colchas, bolsas e customização de roupas. O produto final foi um vídeo-documentário que registra o trabalho de mobilização social realizado.

**Palavras-chave:** *comunicação comunitária, mobilização social, vídeo-documentário*

### 1. Introdução

A elaboração do projeto começou no segundo semestre de 2006 e a execução iniciou-se no primeiro semestre de 2007, na disciplina de Projeto de Extensão em Comunicação Comunitária II<sup>4</sup>.

Com o objetivo de mobilizar mulheres de uma comunidade de Santa Maria/ RS, na busca de alternativas para geração de renda, os acadêmicos desenvolveram algumas

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Comunicação Social: Jornalismo – Centro Universitário Franciscano - UNIFRA/RS, bolsista de Iniciação Científica (PROBIC) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS)

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Comunicação Social: Jornalismo – Centro Universitário Franciscano - UNIFRA/RS e bolsista de Extensão (PROBEX)

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Comunicação Social: Jornalismo – Centro Universitário Franciscano - UNIFRA/RS e monitora da disciplina de Cinema

<sup>4</sup> A orientação foi da professora Dra. Viviane Borelli.

estratégias comunicacionais. A *Oficina de Retalhos* buscou estimular a criatividade das participantes com o aprendizado de técnicas artesanais utilizando retalhos de tecidos.

Através de parcerias com a rádio comunitária Carai FM, a diretora da escola CAIC Luizinho de Grandi e a divulgação de cartazes em pontos-chave da comunidade, foram estabelecidos vínculos de co-responsabilidade em prol de um bem comum.

Primeiramente, foi necessário rever e estudar alguns conceitos, bem como conhecer a realidade da comunidade escolhida, a partir de um contato mais próximo. A Vila Lorenzi é uma região periférica localizada ao sul de Santa Maria. A comunidade apresenta alto nível de pobreza e conta com duas áreas que foram apropriadas por famílias carentes: em 1998 e em 2006. Essas duas regiões são chamadas de Altos da Lorenzi.

Dessa forma, aumentou o número de habitantes e os problemas no setor de moradia, infra-estrutura, saneamento básico, saúde, controle de natalidade, emprego, segurança pública e educação. A agregação desses problemas caracteriza os *bolsões de miséria* que se concentram nessa localidade.

Grande parte das famílias é beneficiada por programas assistencialistas do Governo Federal e 70 famílias recebem alimentos de projetos sociais desenvolvidos pela Associação de Moradores da Vila Lorenzi e Região (AMVLR), na presidência da líder comunitária Edimara Carvalho.

No setor de educação, a vila conta com uma escola de grande estrutura, dirigida pela professora Nadir Ferraz Carvalho. A escola CAIC Luizinho de Grandi, situada na rua Olga Lorenzi, s/n, está sediada no complexo inaugurado em 1996 pelo Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (PRONAICA). No mesmo conjunto, está integrado o Instituto Estadual de Ensino Médio Luiz Guilherme do Prado Veppo<sup>5</sup>. A comunidade conta também com a Escola Reinaldo Coser, localizada a rua Chico Mendes, s/n, que atende portadores de deficiência auditiva e possui alunos de várias localidades.

Na área de saúde, a Unidade Básica de Saúde Oneyde Carvalho, localizada na rua Amapá, s/n, presta atendimentos como clínica geral, ginecologia, pediatria, odontologia básica, enfermagem, além de acompanhamento a hipertensos e gestantes. Há o Núcleo de Saúde no Centro de Atenção Integral a Saúde (CAIC) Luizinho de Grandi, que atende nos setores de clínica geral, ginecologia e odontologia especializada. No Centro Comunitário Santa Terezinha, são desenvolvidos ações como a Pastoral da Criança, que acompanha o

---

<sup>5</sup> Atualmente, está sendo construída uma sede da Escola Estadual, na Vila Tomazetti, vizinha à Lorenzi, com previsão de inauguração para o segundo semestre de 2007.

desenvolvimento e a nutrição das crianças da comunidade.

Na área de comunicação, a comunidade sul santa-mariense tem à disposição a Rádio Comunitária Carai FM, integrante da Associação Cultural de Divulgação Comunitária da Vila Tropical e Região Sul de Santa Maria. A emissora localiza-se na Rua Caracarái, nº 49, na Vila Tropical. O sinal da emissora de sintonia 106,3 MHz abrange 25 bairros da cidade. A concessão do canal ocorreu em dezembro de 2003, mas a outorga para o funcionamento só veio em 2004. Paulo Roberto Rodrigues é o diretor da emissora que conta com uma programação variada<sup>6</sup>, incluindo entretenimento e informação. Os programas jornalísticos são desenvolvidos por alunos do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Unifra, através do Núcleo de Produção Radiofônica, supervisionado pelo professor e jornalista Gilson Luis Piber da Silva.

A participação de dois acadêmicos, realizadores do presente trabalho, em um programa radiofônico comunitário<sup>7</sup>, na Rádio Carai FM, foi o fator relevante para a escolha dessa comunidade.

## 2. Tecendo parcerias: elementos de ligação e credibilidades

Depois do processo de reconhecimento e contatos com a comunidade, buscou-se instituições, que seriam possíveis parceiras no desenvolvimento do trabalho, no intuito de conquistar o sentimento de confiança e credibilidade.

Os mecanismos para divulgar a *Oficina de Retalhos* tiveram distintas ações. Foi necessário contar com parcerias estratégicas para a mobilização da comunidade. Entre elas, a diretora da escola CAIC – Luizinho de Grandi, o diretor da Rádio Comunitária Carai FM, a instrutora das aulas e duas malharias da cidade.

Através do vínculo estabelecido com o diretor da Rádio Carai FM, Paulo Roberto Rodrigues, foi veiculado um promocional<sup>8</sup> elaborado pelo grupo. Obteve-se o espaço

<sup>6</sup> A Rádio Carai FM transmite a programação das 6h às 24h.

<sup>7</sup> O programa Estação Notícia - A comunidade sintonizada com a informação é produzido e apresentado, desde abril de 2006, pelos acadêmicos Adriana Domingues Garcia e Carlos Renan Sanchotene, integrantes do Núcleo de Produção Radiofônica.

<sup>8</sup> Conteúdo na íntegra: “Aprenda a confeccionar e decorar roupas, bolsas, colchas, almofadas, tapetes e o que mais a sua criatividade permitir. Venha participar da Oficina de Retalhos no CAIC – Luizinho de Grandi. As aulas começam na sexta-feira, dia 20 de abril, às duas horas da tarde. Para as mães interessadas vai haver um espaço de recreação para as crianças. Inscrições na secretaria da escola ou pelo telefone 3211-1933. As vagas são gratuitas e limitadas. A Oficina de Retalhos faz parte da disciplina de Projeto em Comunicação Comunitária II, do curso de Jornalismo da UNIFRA”.

necessário na programação para divulgar o trabalho, dez dias antes do início das atividades.

A diretora do CAIC, Nadir Ferraz Carvalho, ofereceu o espaço da biblioteca para a realização das aulas. A professora também colocou à disposição a Secretaria para as inscrições das mulheres interessadas. Além disso, a própria diretora fez o convite, pessoalmente, às mães.

Foram criados e distribuídos 20 cartazes de divulgação da oficina em locais como o Centro Comunitário Santa Terezinha, a Escola CAIC - Luizinho de Grandi e a Rádio Comunitária Carai FM.

A professora estadual aposentada, Vera Sanchotene, foi a instrutora das aulas, dispensando seu tempo voluntariamente para a realização da oficina. Com larga experiência em produção de artesanato, Vera sensibilizou-se com a causa do projeto, disponibilizando-se em virtude de um sentimento de comoção. A professora conta como foi a sua participação e a avaliação que fez após o término das aulas: “Dividir com as pessoas aquilo que eu sei, fazendo com que elas possam ter uma renda foi muito gratificante. Ao mesmo tempo, percebi que elas estavam motivadas em continuar aprendendo novas técnicas artesanais. A alegria delas também foi a minha alegria”.

As malharias *Drei-K* e *Becor* foram as parcerias que permitiram a continuidade do trabalho através da doação permanente de retalhos de tecidos. O material é entregue mensalmente no CAIC, sob responsabilidade da diretora da escola.

Com essas ações de comunicação, o objetivo geral do projeto foi mobilizar mulheres da comunidade em um projeto de geração de renda. Entre os objetivos específicos, buscou-se proporcionar o aprendizado de técnicas artesanais; estimular a criatividade e a utilização de recursos naturais e econômicos para a produção dos artesanatos; identificar e estimular lideranças na comunidade; consolidar parcerias e exercitar o processo de comunicação comunitária.

### 3. Envolvendo a comunidade na busca de um bem comum

Para a construção do projeto, foi necessário entender alguns conceitos fundamentais para a efetivação do trabalho, como de cidadania, mobilização social e

comunidade.

O cidadão é o indivíduo que tem consciência de seus direitos e deveres e participa ativamente de todas as questões da sociedade. Tudo o que acontece no mundo, seja no meu país, na minha cidade ou no meu bairro, acontece comigo. Então preciso participar das decisões que interferem na minha vida. Um cidadão com um sentimento ético forte e consciência da cidadania não deixa passar nada, não abre mão desse poder de participação. A idéia de cidadania é ser alguém que cobra, propõe e pressiona o tempo todo. (Souza, 1994: 22)

Para entender o sentido de comunidade, Palácios (1991) a define como toda forma de relação caracterizada por situações de vida, objetivos, problemas e interesses em comum de um grupo de pessoas, independente de sua dispersão ou proximidade geográfica.

Como a idéia de comunidade se associa muito fortemente à de participação, acaba-se por identificar todo e qualquer trabalho ligado a ação comunitária ou à política comunitária com a participação dos membros da comunidade. É claro que a participação é desejável quando se pensa em termos de trabalho comunitário. No entanto, isso não exclui a especialização de funções. (Palácios, 1991: 16)

Partindo desse pressuposto, entende-se que a comunicação comunitária deve ser realizada pela comunidade, a partir de processos como escolha, construção e distribuição do veículo de comunicação comunitária. No entanto, a participação não exclui a presença e a contratação de profissionais de comunicação. O conceito do autor dá a idéia de que isso pode ser perfeitamente aceito.

Para Cogo (1998: 51), comunidade significa:

[...] o espaço privilegiado de constituição e vivência dos valores fundamentais como a solidariedade, a união, a ajuda mútua que, articulados à religiosidade impõem-se como referenciais indispensáveis na compreensão das culturas populares na sua relação com a comunicação.

O envolvimento e a participação são essenciais, pois a comunicação comunitária é um meio que integra, atualiza e organiza a comunidade, realizando os fins que ela se propõe. Em função disso, o veículo de comunicação comunitária serve para promover, valorizar e chamar a atenção da sociedade, mobilizando para a realidade da comunidade.

Ao longo das aulas, os acadêmicos envolvidos buscaram identificar algumas participantes para dar continuidade ao projeto e expandir para mais pessoas interessadas. Envolver a comunidade para o próprio bem comum é o ideal desse projeto, com base em uma estratégia de comunicação principal que tem o poder de mobilizar e manter o sentimento de co-responsabilidade, possibilitando a legitimação desse trabalho. Segundo Henriques (2002: 31):

Mobilizar, portanto, é convocar estas vontades de pessoas que vivem no meio social (e optam por um sistema político democrático) para que as coisas funcionem bem e para todos; é mostrar o problema, compartilhá-lo, distribuí-lo, para que assim as pessoas se sintam co-responsáveis por ele e passem a agir na tentativa de solucioná-lo.

Para Toro e Werneck (1997: 2), o ato de mobilizar pode ser compreendido como a ação de “convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados”. Dessa forma, qualquer mobilização é uma ação que tem o propósito de motivar pessoas, grupos, comunidades para perseguir e alcançar objetivos. No caso do presente projeto, formas de auto-sustentabilidade, através de técnicas artesanais.

Ainda, para Henriques (2002), a comunicação tem o poder de mobilizar as pessoas. Para se ter a ação em um movimento social é preciso discutir o problema e levar ao conhecimento do público específico, com o objetivo de formar um sentimento de responsabilidade. “O fazer comunicativo, mais do que informar, toma por tarefa criar uma interação própria entre estes projetos e seus públicos, através do compartilhamento de sentidos e valores” (Henriques, 2002: 34). Dessa forma, os vínculos são fortalecidos e a comunicação possibilita as iniciativas e contribuições. O projeto coordenou ações para estimular a participação dos indivíduos da comunidade.

#### 4. “Com a mão na massa”: o desenvolvimento das aulas

Para concretizar essa mobilização, várias estratégias foram formuladas na perspectiva de cumprir uma missão com um projeto compatível aos problemas que existem na comunidade. O artesanato foi escolhido por ser uma atividade prazerosa, criativa e rentável.



No dia 20 de abril de 2007, as mulheres iniciaram as atividades no espaço cedido pela diretora do CAIC - Luizinho de Grandi, a biblioteca. Foi estabelecido um limite de 15 vagas para as interessadas. No primeiro dia, na lista de participantes constavam 14 pessoas, mas compareceram oito em todos os encontros. Esse é um número considerável, pois a permanência de todas as que ingressaram no projeto revela a boa aceitação. Todas as inscritas<sup>9</sup> são moradoras da comunidade e têm seus filhos estudando na escola.

Durante o diagnóstico, foi encontrado um problema comum a esse grupo, que seria um local para deixar os filhos, enquanto elas estivessem na oficina. A solução encontrada foi um espaço de recreação. Enquanto as mães aprendiam, seus filhos ficavam sob os cuidados dos acadêmicos. Às crianças, foram disponibilizadas atividades artísticas como desenho livre e pintura em papel. No entanto, nenhuma integrante levou seus filhos no primeiro dia, já no segundo dia de atividades foram três crianças, que preferiram ficar na mesma sala em que as mães estavam. No terceiro dia, não teve a presença de crianças.

O material utilizado para as oficinas foi doado através das parcerias, já citadas, no qual foram arrecadadas dezenas de sacolas de retalhos, tesouras, agulhas e linhas. As duas empresas se propuseram a continuar fornecendo materiais para a manutenção do projeto.

As oficinas, num total de três aulas, foram realizadas às sextas-feiras, das 14h às 16h. As aulas começaram no dia 20 de abril e encerraram no dia 4 de maio.

Na primeira aula, a professora Vera ensinou técnicas de produção de tapetes, almofadas, colchas e bolsas com o uso de retalhos. Na segunda aula, o fuxico<sup>10</sup> foi a técnica utilizada. Vera ensinou vários tipos de fuxicos e mostrou os materiais que são possíveis de serem feitos a partir dessa arte como almofadas, bolsas, chaveiros, além de customização de roupas. Na última aula, a instrutora mostrou que é possível fazer crochê com meia-calça para produzir tapetes.

No final de cada oficina, as mães levavam para casa os retalhos e na aula seguinte retornavam com as peças confeccionadas. A produção em casa, aprimora as técnicas e estimula a criatividade. Ao mesmo tempo, serve como agente transformador, à medida que algumas mães repassavam as técnicas aprendidas para familiares e vizinhos. Além disso, o artesanato serve como terapia e, o principal, pode ser um complemento de renda, da própria sobrevivência.

---

<sup>9</sup> Participaram da Oficina de Retalhos: Angelita Silva de Lima, Daiane Machado, Eliane Porto, Jupira Sodré, Maria Elisângela Machado, Neida Adila Dias dos Santos, Neiva Paz e Valdirene Azambuja Lopes.

<sup>10</sup> Técnica artesanal que aproveita restos de tecidos para criar e customizar roupas, acessórios e objetos.

No dia 16 de junho, foi realizada a entrega de boletins na Escola Caic Luizinho de Grandi. Aproveitando a ocasião, houve uma exposição dos trabalhos com o objetivo de vender as peças confeccionadas. A participante Jupira Sodré, 45 anos, foi a única que levou seus trabalhos para a exposição. Ela vendeu duas peças confeccionadas durante a *Oficina de Retalhos* concretizando o objetivo do projeto: a geração de renda. Jupira relata o que significou a sua participação no projeto: “Eu sou uma pessoa sozinha e com muitos problemas, e na oficina pude distrair a cabeça. Quando vendi a primeira vez, fiquei muito emocionada porque isso estimula a gente a seguir em frente”.

## 5. Retalhos da Vida: a produção do vídeo-documentário

Como produto final desse projeto de mobilização, foi produzido um documentário em vídeo, intitulado *Retalhos da Vida*, com duração de 9 minutos e 45 segundos. O vídeo mostra os produtos artesanais das mulheres participantes e depoimentos, como forma de expor o que está por trás daquelas mulheres, que buscam uma alternativa de geração de renda.

As gravações iniciaram desde o primeiro dia de aula. Em relação às câmeras, as oito integrantes não se mostraram intimidadas. Pelo contrário, sentiram-se à vontade e a oficina ocorreu de forma descontraída. Apesar do dia ser muito quente, com temperatura em torno dos 35°C, as participantes mostraram-se empolgadas com a oficina.

Durante o primeiro dia, os acadêmicos começaram a observação para a identificação de possíveis mulheres para a realização de entrevistas. Primeiramente, foi necessário compreender como seria a observação participante. No artigo “As aplicações sociais da pesquisa qualitativa” de Willian Gomes, ele cita Le Boterf (1985) que define a pesquisa participante como um tipo de investigação ativa, orientada para uma ação prática onde uma determinada população identifica seus problemas, analisa-os criticamente, e se mobiliza na busca de soluções adequadas para resolvê-los. Dessa forma, a abordagem evita a distância que poderia existir entre a pesquisa e a prática, a fim de engajar as mulheres participantes num projeto de sustentabilidade através de técnicas artesanais.

Com isso, a próxima etapa do projeto foi a elaboração de uma entrevista semi-estruturada. De acordo com Gil (1994: 146), a entrevista semi-estruturada “ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis



para que o informante alcance a espontaneidade necessária, enriquecendo a investigação”.

Os próximos passos, portanto, compreenderam a montagem do vídeo-documentário. Através da entrevista, foram colhidos depoimentos com a diretora da Escola CAIC, Nadir Ferraz e com as participantes. Através da observação participante, foi identificada uma aluna da *Oficina* que serviu como personagem do vídeo-documentário. A escolha de Jupira Sodré se deve ao fato dela ser uma pessoa bastante espontânea e comunicativa.

O documentário, tal como concebido por Comolli (2002), depende do desejo do outro de entrar no filme. Não apenas porque os personagens aceitam fazer revelações, mas porque o filme acontece quando se engajam na situação de filmagem com seu corpo e sua fala.

Na produção de documentários, convém filmar a situação em que se encontram as pessoas envolvidas, primando-se por um respeito à palavra, podendo haver intervenções. Dessa forma, durante o processo de produção e da entrevista semi-estruturada, diversas fontes serviram para coletar as informações necessárias. As entrevistas realizadas, portanto, são fontes de informação para construção do texto e foram utilizados trechos na edição final.

Na estrutura do vídeo-documentário, a presença do narrador não é obrigatória. Os depoimentos podem ser alinhavados uns aos outros, sem a necessidade de uma voz exterior. O encadeamento dos depoimentos deram coerência e sentido à sequência narrativa e serviram como elementos importantes da argumentação.

Segundo Penafria (1999), no documentário é necessário que a sucessão e/ou sobreposição de imagens e sons apresente não só o ponto de vista adotado pelo documentarista, mas também seja capaz de tornar o documentário um gênero atrativo, sendo isso o que ela chama de criatividade. Penafria (1999: 76) destaca que:

Nos dois momentos cruciais para a construção do documentário, a fase de produção propriamente dita (filmagens) e a de pós-produção (montagem); o documentarista organiza diversos elementos: entrevistas, som ambiente, legendas, música, imagens filmadas in loco (incluindo as imagens de arquivo) reconstruções, etc.

Na produção de um vídeo-documentário existem etapas que sucedem vários processos de seleção como enquadramento, personagens, depoimentos e etc. Em vista

disso, cada seleção reflete um ponto de vista do documentarista. Por isso, não existem fórmulas pré-fabricadas para a produção documental. Para a autora, “a sucessão das imagens e sons, cujo resultado final é um documentário, tem como linha orientadora o ponto de vista adotado e encontra na criatividade do documentarista seu principal motor” (Penafria, 1999: 76).

A escolha pela não utilização do *off*, na produção do documentário, se deve ao fato da montagem ganhar mais agilidade e os depoimentos servirem para instigar o espectador, mexer com seu interesse e emocionar, ao mesmo tempo.

A temática do vídeo documentário foi a busca de geração de renda através do artesanato, com enfoque na motivação dessas mulheres em procurar meios alternativos para sustentabilidade. A escolha de uma personagem leva à identificação daquela comunidade no sentido de representar e, assim, aproximar o espectador com a causa.

Berger (2005) afirma que todo filme é um olhar sobre o tema, um recorte da realidade, mesmo sendo um documentário. Para ela, existem perguntas pertinentes para a ideia de um documentário: “Por que se deveria fazer esse filme? [...] O que queremos que seja imaginado [...] O que está por trás dessa história? [...] Qual a moral dessa história? [...]”, como forma de ensaio sobre a própria posição sobre o tema. O importante é que essas ideias estejam articuladas como relatos e que, ao final, decantem um sentido. Através do vídeo, foi documentada a oficina de artesanato, que despertou nas mulheres da região sul uma nova perspectiva, na forma de auto-sustentabilidade.

A utilização do vídeo-documentário pode ser um instrumento mobilizador da sociedade, capaz de impulsionar a participação conjunta dos membros da comunidade em busca de melhorias. Peruzzo (1998) estabelece uma reação ao estado passivo da sociedade, quando esta se sente capaz de exercer suas atividades e demonstrar seus talentos. Acredita-se que o respeito ao pluralismo e às individualidades da sociedade possibilita o exercício do direito e o dever de participar de forma livre e ativa na construção da realidade. Peruzzo (1998: 296) afirma que:

A participação e a comunicação representam uma necessidade no processo de constituição de uma cultura democrática, de ampliação dos direitos de cidadania e da conquista da hegemonia, na construção de uma sociedade que veja o ser humano como força motivadora, propulsora e receptora dos benefícios do desenvolvimento histórico.

## 6. Considerações finais

As oficinas proporcionaram o convívio social, junto a outras pessoas, com o mesmo objetivo, promovendo a elevação da auto-estima. Ao mesmo tempo, propiciou aos acadêmicos envolvidos um contato direto com o trabalho comunitário e experiência em um projeto de mobilização social. O resultado mais aparente foi dar visibilidade às mulheres, mostrar que elas podem produzir, serem criativas e buscarem as suas satisfações particulares.

O trabalho de comunicação comunitária serviu como ferramenta de mobilização social e ajudou a mostrar que é possível realizar algo, a fim de solucionar os problemas existentes, concretizados com a venda dos trabalhos feitos por Jupira Sodré.

A participação comunitária funcionou para estimular e mostrar que, através da união, as pessoas podem interferir também em atividades políticas governamentais e populares da comunidade, desenvolvendo o senso crítico a fim de lutar pelos seus direitos. A idéia da Oficina é de que seja um espaço para convocar e multiplicar talentos populares da comunidade e também como um espaço para troca de idéias.

Em relação as parcerias, as malharias continuam fazendo doações de tecidos à Escola CAIC Luizinho de Grandi. A direção da escola “adotou” a *Oficina de Retalhos* como uma atividade alternativa à disposição da comunidade fortalecendo o trabalho de mobilização realizado. A conquista dos objetivos do projeto resumem-se as palavras da diretora Nadir Ferraz de Carvalho:

“É muito importante que os saberes e os conhecimentos se estendam para a comunidade e a Oficina de Retalhos é uma forma das pessoas terem um retorno de imediato. A nossa intenção é contar com essas mães para elas darem continuidade ao projeto. Elas vão ser as nossas mães multiplicadoras”.

Por fim, entende-se que o projeto de mobilização social estabeleceu ligações entre os trabalhos realizados na oficina e o contexto social em que as participantes estão inseridas, enaltecendo as suas potencialidades e capacidades de construção pessoal. Com isso, foi possível despertar nos indivíduos pertencentes a esse meio, um sentimento de valorosidade. A *Oficina de Retalhos* serviu como um veículo para que as próprias pessoas pudessem ser instrumentos de mudanças, através da força da participação comunitária, em busca de um bem comum.

### Referências Bibliográficas:

**BERGER, Carolina.** “Workshop: Construindo a idéia do documentário”. III Fórum de Comunicação Social da UNIFRA, realizado no Salão Azul do Campus I da Unifra. Santa Maria, RS. Realizado em 28 de abril de 2005.

**COGO, Denise Mara.** *No ar uma rádio comunitária*. São Paulo: Paulinas, 1998.

**COMOLLI, Jean-Louis.** *Filmar para ver: escritos de teoria y crítica de cine*. Jorge La ferla (org.) Buenos Aires. Ediciones Simurg/Cátedra La Ferla (UBA), 2002.

**CRUZ, Otávio Neto. (1996).** “O trabalho de campo como descoberta e criação”. In M. C. de S. Minayo(org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.

**GIL, Antônio Carlos.** *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1995.

**HENRIQUES, Márcio Simeone (org).** *Comunicação e estratégia de mobilização social*. Belo Horizonte: Gênese, 2002.

**PAIVA, Raquel.** *O Espírito Comum: Comunidade, mídia e globalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

**PALACIOS, Marcos.** “Sete Teses Equivocadas Sobre Comunidade e Comunicação Comunitária”. In: *Textos de Cultura e Comunicação*, V.II, nº26. Salvador: Facom / UFBA,1991, pg. 15 - 23.

**PENAFRIA, Manuela.** *O filme documentário – história, identidade, tecnologia*. Lisboa: Cosmos, 1999.

**PERUZZO, Círcia Maria Krohling.** *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

**SOUZA, Herbet.** *Ética e cidadania*. São Paulo: Moderna, 1994.

**TORO, Bernardo José; WERNECK, Nísia Maria Duarte.** *Mobilização Social: Um modo de construir a democracia e a participação*. Apostila, 1997.